

---

## Mulheres na pesquisa em história da mídia sonora: um olhar bibliométrico para os estudos radiofônicos<sup>1</sup>

Juliana Gobbi BETTI<sup>2</sup>  
Debora Cristina LOPEZ<sup>3</sup>  
Marcelo FREIRE<sup>4</sup>  
Lívia GARIGLIO<sup>5</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### RESUMO

Este artigo objetiva identificar a referenciação do trabalho acadêmico de pesquisadoras mulheres e, a partir de uma perspectiva de gênero, discutir e compreender o lugar atribuído à produção científica feminina nos estudos radiofônicos históricos brasileiros. Para isso, aplica a análise cientométrica nos artigos apresentados no GT História da Mídia Sonora (Alcar). Observa-se a reprodução de um padrão androcêntrico, que reitera as desigualdades e reforça os privilégios estabelecidos na produção científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos radiofônicos; Análise cientométrica; Produção feminina; Mulheres na ciência; Alcar.

### INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que os estudos radiofônicos brasileiros estão consolidados. Além dos espaços de debate nos principais eventos acadêmicos no país, nos últimos anos observamos um crescimento da área na pós-graduação e movimentos de internacionalização (Kischinhevsky et al, 2021). Este cenário reflete o amadurecimento do campo, construído a partir do trabalho coletivo e do tributo às pesquisas e ações que nos antecederam, e nos leva a lançar novos olhares para a realidade que construímos, incluindo a percepção de posicionamentos naturalizados e inconscientes que são decisivos para a pesquisa e para quem a protagoniza.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Jornalismo (UFSC), pós-graduada em Filosofia e Direitos Humanos (PUC-PR) e jornalista (Metodista/SP). Coordenadora do GT História da Mídia Sonora (ALCAR) e Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef). Pós-doutoranda, com bolsa institucional, na Universidade Federal de Ouro Preto, email: [jugobbibetti@gmail.com](mailto:jugobbibetti@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo (UFOP) e Bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef), email: [debora.lopez@ufop.edu.br](mailto:debora.lopez@ufop.edu.br)

<sup>4</sup> Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo (UFOP), desenvolveu estágio pós-doutoral na Universidad de Extremadura (Espanha). Coordenador do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor), email: [marcelofreire@ufop.edu.br](mailto:marcelofreire@ufop.edu.br)

<sup>5</sup> Graduanda em Jornalismo (UFOP) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor), email: [livia.magalhaes@aluno.ufop.edu.br](mailto:livia.magalhaes@aluno.ufop.edu.br)

---

Neste texto, buscamos identificar a referência do trabalho acadêmico de pesquisadoras mulheres e, a partir de uma perspectiva de gênero, discutir e compreender o lugar atribuído à produção científica feminina nos estudos radiofônicos históricos brasileiros. Nosso ponto de partida é o reconhecimento da existência de desigualdades de gênero no campo e da necessidade de tensionar certezas acadêmicas ancoradas em uma perspectiva epistemológica única, fundamentalmente ancorada em uma ciência estruturalmente androcêntrica.

O debate se elabora com base em dados obtidos por meio da análise cientométrica (Campos et al., 2021; Lopez et al, 2024) de 5105 referências sistematizadas de 321 artigos apresentados nos 13 encontros nacionais do GT História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), realizados entre 2003 e 2021. Organizamos o texto em três tópicos: a mulher nos estudos radiofônicos brasileiros; metodologia e a análise cientométrica em si.

### **A MULHER NOS ESTUDOS RADIOFÔNICOS BRASILEIROS**

Dos primeiros estudos à fundação e consolidação dos espaços institucionais que hoje acolhem os debates em diferentes linhas, o campo de pesquisas em rádio no país foi configurado pela atuação coletiva, com grande presença e liderança das mulheres. Essa história não reflete, no entanto, o reconhecimento acadêmico das pesquisadoras. Temos observado que os estudos radiofônicos históricos brasileiros replicam uma realidade de subvalorização e falta de reconhecimento da mulher como produtora de conhecimento que caracteriza a academia, como identificam Lopez et al (2024). Sustentada por dados, a investigação reafirma a existência do “efeito Matilda”: ainda que 50% da autoria seja exclusivamente feminina, 67,15% das citações são a homens. Ao isolar os percentuais para produções de autoria masculina, a desproporção se amplia, com 78,66% de referências a homens e 21,34% de referências a mulheres (Lopez et al, 2024). Embora a amostra analise apenas um ano, revela-se uma realidade que reitera o privilégio masculino e a desvalorização feminina na construção do conhecimento científico. Neste artigo, buscamos ampliar o olhar de Lopez et al (2024) aos estudos de história da mídia sonora, com uma amostragem que contempla quase 20 anos de produção científica no principal fórum de debates deste subcampo dos estudos radiofônicos.

---

## **METODOLOGIA**

Este artigo integra dois projetos de pesquisa desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor): “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo” (CNPq) e “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos mineiros sob a perspectiva de gênero” (Fapemig). Os projetos congregam pesquisadoras e pesquisadores de distintas universidades brasileiras e estrangeira responsáveis pelas definições teórico-metodológicas, pelo desenvolvimento e aprimoramento dos instrumentos metodológicos e pelos processos de codificação, tratamento e análise de dados (Saldaña, 2016).

Analisamos os dados de uma etapa da revisão sistemática sobre estudos radiofônicos que inclui os textos do Grupo de Trabalho História da Mídia Sonora dos encontros nacionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. A amostra é composta por 321 artigos apresentados no GT entre os anos de 2003 e 2021<sup>6</sup>, totalizando uma média de 24,69 textos por ano. Entre as distintas codificações do projeto de pesquisa, buscando destacar os dados a partir de uma perspectiva de gênero, analisamos especificamente as seguintes categorias: gênero da autoria dos artigos; tipo de autoria dos artigos; ano dos artigos; gênero da autoria das referências; tipo de autoria das referências e ano das referências.

Foram codificadas, em média 15,90 referências por artigo, totalizando 5150 entradas. Os códigos, analisados sob a lente do gênero, permitem desenhar um cenário do lugar atribuído às mulheres nos estudos radiofônicos históricos brasileiros. Desta forma, o tratamento e cruzamento de dados realizado no software Tableau permitiu a construção de inferências correlacionadas ao contexto do campo e à discussão teórica sobre mulheres na academia. Antes da importação da planilha para o software, foi realizado um trabalho de limpeza de dados, para eliminar inconsistências e facilitar a identificação de padrões a partir de cruzamentos e contabilização de variáveis, filtragens por tipo e o desenvolvimento de visualizações.

## **AS MULHERES NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA MÍDIA SONORA NO BRASIL**

Para organizar a codificação de gênero nos dados da amostra, aplicamos as cinco categorias propostas por Lopez *et al* (2024), a saber: Feminino simples e Masculino

---

<sup>6</sup> O período contempla 13 edições, iniciando-se no primeiro ano de funcionamento do grupo, e pode ser organizado em dois interstícios: realização anual (2003-2009) e realização bienal (2009-2021).

---

simples, classificando as autorias individuais; Feminino coletivo e Masculino coletivo, em produções com coautoria do mesmo gênero; Híbrido coletivo, em produções com coautoria de gêneros diferentes. A categoria Não identificado contempla obras variadas – acadêmicas, jornalísticas, audiovisuais, sonoras – desde que sem autoria explícita e as autorias cujos nomes não puderam ter seu gênero definido.<sup>7</sup>

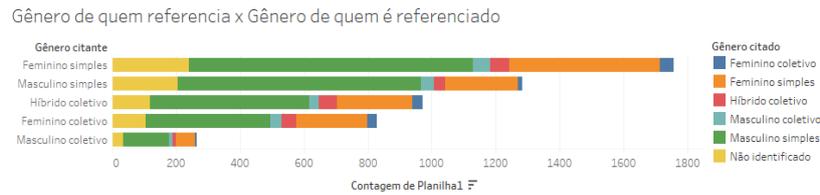
Entre os 321 textos apresentados no GT História da Mídia Sonora, 1758 (34,44%) são de autoria feminina simples, 1283 (25,13%) são classificadas como masculina simples, 972 (19,04%) de produções de autoria híbrida coletiva e 265 (5,19%) de masculina coletiva. O cenário que se desenha é de 50,64% dos artigos assinados exclusivamente por mulheres e 30,32% por homens. Considerando que este é o resultado de uma abordagem longitudinal, com textos apresentados ao longo de 18 anos, revela-se uma característica da área: a intensa presença de autoras mulheres. Estas pesquisadoras, vinculadas a universidades públicas e privadas e que publicaram em distintos momentos de sua formação acadêmica, reiteram a predominância feminina na gestão do grupo e precisam ser confrontadas com os indicadores de citação neste mesmo período.

Os dados se invertem quando observamos as referências dos artigos apresentados no evento. Entre as 5105 obras referenciadas, 2681 (52,52%) são classificadas como Masculina simples, 1214 (23,78%) são Feminina simples, 705 (13,81%) são categorizadas como Não identificadas, 212 (4,15%) são Híbrida coletiva, 170 (3,33%) são Masculina coletiva e 123 (2,41%) são Feminina coletiva. Neste cenário, 55,85% das referências analisadas são masculinas, enquanto somente 26,19% são femininas, revelando que as mulheres são citadas mais de 50% menos que os homens em um grupo em que são maioria.

O domínio masculino sobre os campos de saber repercute também nas práticas das pesquisadoras em seu cotidiano. Como mostra a imagem a seguir, textos de autoria feminina tendem a apresentar uma quantidade maior de referências que os masculinos. Nossa hipótese é que isso seja reflexo, por um lado, de uma necessidade da mulher fundamentar e justificar seus argumentos, e, por outro, de um reconhecimento e legitimidade do discurso masculino nos espaços acadêmicos.

---

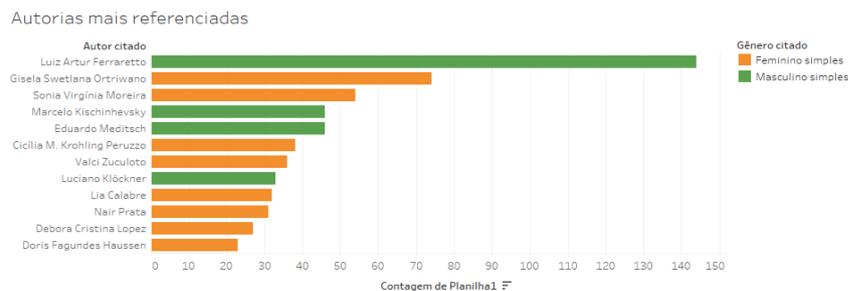
<sup>7</sup> A verificação de gênero se deu pelo nome e por autoidentificação de autoria na nota de rodapé biográfica (por exemplo, como professor ou professora). Compreendemos que a heteroidentificação de gênero, principalmente a partir de uma organização binária e orientada pelo reconhecimento de nomes como masculinos ou femininos é restritiva e pode gerar equívocos. No entanto, optamos por ela diante da indisponibilidade de um banco de dados e considerando a relevância da informação para o debate.



Fonte: Autoria própria

Além disso, percebemos que todos os perfis de autoria dos artigos apresentados no grupo referenciam predominantemente textos de autoria masculina. No caso de pesquisadores homens, seja em autoria individual ou coletiva, o percentual de citação a obras masculinas soma 62,5%, enquanto a feminina se limita a 18,7%, isto é, a referência a produções masculinas é mais de três vezes superior à feminina. Nos artigos assinados por mulheres, seja em autoria individual ou coletiva, o *gap* de citações diminui consideravelmente, embora ainda seja considerado alto. No total, 53,6% das referências são a obras de homens e 29,3% de mulheres. Isso representa uma citação quase duas vezes maior aos autores do que às autoras.

Como revela a figura 2, entre os doze autores com maior número de citações na amostra, estão quatro homens e oito mulheres. Todos os homens e cinco mulheres já atuaram na gestão de grupos de pesquisa em rádio da Alcar ou da Intercom. Entre as mulheres, cinco estão entre as pioneiras dos estudos radiofônicos e uma delas é considerada uma das principais referências em sua área de estudos na comunicação.



Fonte: autoria própria

Este dado, embora relevante para compreender o campo, não deve ser observado de maneira descontextualizada. Se considerarmos que entre os doze autores mais citados há somente quatro homens, mas que os autores são duas vezes mais citados que as mulheres, há uma dissipação das referências - e, portanto, da autorização à fala - de homens. Já no caso das autoras, ainda que sejam 50% menos citadas em média, há oito nomes entre os doze mais referenciados. Isso representa uma concentração de citações em algumas mulheres (não limitadas a essas, é importante ressaltar) autorizadas no campo.

---

Os dados apresentados neste estudo nos levam a questionar como, em um grupo predominantemente feminino, que tem mulheres em sua gestão e que foi fundado por pesquisadoras, o direito ao lugar de reconhecimento acadêmico lhes é negado ou, ao menos, limitado. Este debate, crucial para a compreensão do campo, reflete uma naturalização do desmerecimento e da desvalorização da mulher na ciência e nos grupos de estudos radiofônicos brasileiros. Ainda que a percepção deste cenário tenha tardado, não é possível negar a sua existência. Ao contrário, o compromisso coletivo gerado pelo desvelamento dessa naturalização é o reconhecimento das responsabilidades individuais e coletivas em busca de uma mudança. A realidade que vivemos no campo demanda um olhar crítico à ciência feita sobre estudos radiofônicos históricos brasileiros, com um esforço coletivo pela incorporação de epistemologias plurais e pelo diálogo acadêmico não centrado em uma perspectiva predominantemente masculina.

## **CONSIDERAÇÕES**

Há um conjunto de variáveis a considerar quando discutimos a produção científica a partir de uma perspectiva de gênero, são questões históricas e estruturais que se enredam tecendo um complexo cenário de desigualdades. Neste sentido, vale destacar que “a produção do conhecimento científico tem sido historicamente considerada como um domínio ‘reservado’ aos homens. Tal constatação não significa a exclusão das mulheres. Porém, explicita que as resistências existentes à presença delas no campo científico são ainda inquietantes” (Bandeira, 2008, p. 208).

Quando olhamos para a distribuição das referências nas obras, percebemos um padrão que reitera as desigualdades e reforça os privilégios estabelecidos por uma organização do mundo científico baseada em uma perspectiva masculina, reforçando uma unicidade epistemológica (Molina, 2021) que prejudica a diversidade característica do objeto sonoro e, portanto, do campo em si. A amostra também revela que existe uma autorização de fala a algumas mulheres do campo, normalmente depois de alcançarem destaque nos estudos radiofônicos ou fora deles, atuando na gestão acadêmica, na formação de redes ou na liderança de subcampos.

Neste sentido, ao olharmos para os dados, igualmente reconhecemos e defendemos a realização de análises que busquem compreender a diversidade epistemológica dos estudos radiofônicos, seja a partir da chave de gênero ou de outras de igual relevância, como raça, classe, geografia, entre outras (Lopez; Betti; Freire, 2024).

---

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 207–228, jan. 2008.

CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida, ALVES, Andrêsa Suana Argemiro, SANTORO, Flávia Rosa. As mulheres são menos citadas do que os homens em artigos científicos? Uma análise do comportamento de citação relacionado ao gênero nas pesquisas em etnobiologia. **Ethnoscientia**, v. 6, n. 2, p. 20-39, 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; MUSTAFÁ Izani; FREIRE, Marcelo; CONSCIENTE, Patrícia; COUTO, Leonardo Lopes do. A inserção dos estudos radiofônicos e de mídia sonora na pós-graduação em comunicação no Brasil. **Radiofonias** –Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n.03, p. 6-27, set/dez. 2021.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Cristina Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologias dos estudos radiofônicos: construir a pesquisa com lentes plurais. In: **Encontro Anual da Compós**, 33., 2024, Niterói. Anais... São Paulo: Compós, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. **Análise de referências com apoio em software**: uma proposta metodológica para a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: GOBBI, Maria Cristina; MORAIS, Osvando J. de; RENÓ, Denis (org.). Reflexões e práticas acadêmicas na comunicação latino-americana. Lisboa: Ria Editorial, 2024.

MOLINA, Ane. **Como Saber o Gênero: Ciência, Cotidiano e Decolonialidade**. Brasil: Editora Erodonte, 2021

SALDAÑA, Johny. **The coding manual for qualitative researchers**. London: SAGE Publications, 2016.

WANER-MARIQUITO, Renata, SACHS, Juliane Priscila Diniz, COSTA, Christiane Luciana da, EKUNI, Roberta. Análise da produção acadêmica: desvelando o estereótipo da mulher “menos cientista”. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**. v. 15, n. 46, p. 212-225, 2022.